

# A CONTRIBUIÇÃO DA GINÁSTICA PARA A (DES)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE JUVENIL

<sup>1</sup>Prof. Arthur Müller

## Introdução

Na constituição da história do corpo, desde sua percepção inicial até a representação que cada um tem hoje, é presente as incontáveis variáveis que atuam em sua regulação, controle e governamentalidade. Compreender de que forma as diferentes marcas incrustam seus sinais nos corpos é o primeiro passo para a desconstrução de representações opressoras, discriminatórias e excludentes. Corbin, Courtine e Vigarello (2012) afirmam que é preciso tornar mais complexa essa noção de corpo e mostrar o papel que nele desempenham as representações, as crenças, os efeitos da consciência. Dito isto, é fundamental considerarmos para análise qualquer marca, seja ela identitária, cultural ou social, exatamente porque os diferentes currículos praticados nas instituições de ensino proporcionam – e muitas vezes forjam – situações propícias para que essas marcas aconteçam. Isto posto, ressaltamos que a Educação Física, enquanto componente curricular escolar, não passa isenta dessa responsabilidade. As diferentes práticas pedagógicas alicerçadas nos diferentes currículos formam cidadãos alinhados aos seus preceitos. Decidir sobre os conhecimentos que serão apresentados e tematizados junto aos estudantes é percorrer em um campo minado, carregado de disputas de poder, afinal, quem decide o que ensinar, decide também como e quem irá formar. Nesta esteira, Silva (2011), afirma que as teorias do currículo, tendo decidido quais conhecimentos devem ser selecionados, buscam justificar por que ‘esses conhecimentos’ e não ‘aqueles’ devem ser selecionados.

As diferentes manifestações corporais disponíveis também são influenciadas, seja pela mídia ou seja pela escola, em relações imbricadas de poder, em que o mais forte<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Professor de educação física da rede estadual de São Paulo (FUND I) e do colégio Marista Arquidiocesano (FUND II).

<sup>2</sup> A referência a força, nesse caso, se alinha a quem ou quais grupos, no momento das decisões, gozam de status privilegiado que influenciam diretamente no resultado. Grupos historicamente privilegiados tendem a sobrepor suas práticas corporais em detrimento de grupos marginalizados. Como exemplo disso, comparamos o destaque e o status dado ao futebol com aquele dado ao funk. Isso, inclusive atravessa os discursos que permeiam as diferentes manifestações culturais, legitimando ou discriminando seus praticantes e suas culturas.

prevalece. Um exemplo disso é o fato de que as práticas corporais mais “rentáveis” são televisionadas e patrocinadas em detrimento de outras que não mantêm o mesmo *status*. O próprio MMA que era visto outrora como uma prática violenta, que o afastava da esfera esportiva, hoje tem seu lugar cativo nas práticas elitizadas.

A disseminação de significados inunda todas as coisas do mundo e por consequência, atinge em cheio as práticas corporais. As mídias têm uma responsabilidade muito grande na formulação e circulação desses sentidos. À escola cabe a função de proporcionar aos estudantes, oportunidades para que possam analisar criticamente a formulação dessas representações, verificando e interferindo no processo de construção dos diferentes signos. Neira e Nunes (2009a) afirmam que a escola deve preconizar a importância da preparação dos alunos para que possam compreender a vida real e se posicionarem diante dela. E esse posicionamento só é possível a partir do momento que não são negados aos estudantes as informações necessárias para que essa análise aconteça. A Matriz Marista (2016) também se alinha a esse pensamento quando afirma que a expressão corporal é vista como uma linguagem, um conhecimento universal, um patrimônio da humanidade. Desta forma, é passível de leitura e significação, releituras e significações, afinal, o corpo é um texto.

Ainda nesse contexto de formação de identidade juvenil a partir das práticas corporais, não podemos deixar de lado a cultura material contida na própria escola, pensada e construída com propósitos claros.

Por detrás dos muros, do portão, das paredes e jardins, a disposição e a distribuição do espaço escolar refletem um projeto cultural. Este projeto, com vistas a civilizar e moralizar as crianças e, por extensão, suas famílias, configurou-se nos esquadrinhamentos de cada sala e cada canto do edifício escolar. (SOUZA, 1998, p. 138).

Assim como as mídias, o ambiente escolar também corrobora no sentido de regulamentação e governamentalidade dos corpos dos estudantes. E como já supracitado, as instituições exercem controle sobre os corpos a fim de controlar como pensam, como agem e como atuarão, interferindo – ou não – nas coisas do mundo.

## **Justificativa**

Durante as últimas décadas, a informação nos tem chegado de uma forma avassaladora. O mundo está conectado e o acesso hoje está a um clique ou nas pontas dos

dedos. Discutir e analisar as informações disponíveis se faz cada vez mais necessário e a escola se configura como um espaço propício a esse debate, uma vez que nela circula uma variedade infindável de culturas, cada qual carregando suas representações sobre o mundo. O choque entre essas representações é algo extremamente positivo, desde que realizado de forma democrática, em que todos e todas reconheçam as diferenças, sem a necessidade de hierarquizar conhecimentos e conseqüentemente, culturas. Nesse sentido, sobre a cultura, Geertz (2015) não a concebe como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado. Esses significados devem ser, aula a aula, colocados em evidência para que sejam constantemente ressignificados, reconstruídos, reelaborados, a partir das problematizações trazidas pelos estudantes e pelos professores. Deve-se, inclusive, confrontar<sup>3</sup> toda e qualquer informação que faça parte da chamada cultura de chegada discente, porque essa cultura é formulada também a partir das informações acessadas pelos estudantes. Um dos papéis que a Educação Física desempenha dentro do espaço escolar é de analisar as relações imbricadas nas diferentes práticas corporais. Dito de outra forma, cabe a esse componente curricular desvelar as intenções que as diferentes práticas corporais, carregadas de significados, tem ao adentrarem o ambiente escolar. Por conseguinte, ao decidir por um determinado tema, o professor tem uma intenção. Essa intenção é baseada em suas experiências e também como o docente enxerga seu componente, ou seja, na representação que tem sobre o que é uma aula de Educação Física e para que ela serve.

Trazer para o bojo das análises as intenções imbricadas nas diferentes práticas corporais é papel da Educação Física, uma vez que o compromisso social do componente é proporcionar aos estudantes a percepção do caminho percorrido pelas diferentes práticas corporais. Essa percepção desvela criticamente o porquê determinada prática corporal goza de certo status em detrimento de tantas outras que são marginalizadas.

## **Objetivo**

O presente trabalho tem como objetivo proporcionar aos estudantes um posicionamento crítico a partir das informações e intenções que permeiam o universo da ginástica, desde o apelo motor para execução dos movimentos característicos, até os padrões de beleza e estética exigidos pelos atletas. Passa, também, pelos apelos

---

<sup>3</sup> Confrontar, nesse caso, não denota um sentido de enfrentamento, mas de debate, de análise, de argumentação, de reflexão.

mediáticos, transmissão dos campeonatos, os interesses mercadológicos. Trata-se, portanto, de um trabalho pedagógico que tem como foco proporcionar aos estudantes a maior quantidade possível de informações para que possam ampliar e aprofundar seus conhecimentos acerca desta prática corporal, ressignificando e reconstruindo suas representações. Nos dizeres de Neira e Nunes (2009b) a articulação entre educação física e ciências humanas anuncia a construção de variadas propostas pautadas em análises culturais.

A análise do percurso histórico de uma determinada prática corporal permitirá constatar que suas transformações decorreram das demandas sociais. Na Idade Média as cantigas de roda apresentavam-se como ocasião para flertes e galanteios entre jovens e adultos, mas, com o tempo, passaram a ser vistas como elementos da cultura infantil. Algo semelhante aconteceu com a amarelinha, a queimada e outras brincadeiras populares. (NEIRA, 2014, p. 18).

É fundamental mapearmos os saberes discentes a fim de analisarmos de que forma as crianças e os adolescentes concebem a ginástica. Além disso, é importante levarmos em consideração como as mídias influenciam na representação que os discentes têm sobre as formas gímnicas, a medida em que disponibiliza, ou não, informações sobre essa prática.

Uma ação pedagógica assim conduzida possibilitará às crianças que as representações acessadas e os conhecimentos inicialmente disponíveis sejam revistos, ampliados e aprofundados. É o que contribui para a formação de sujeitos conhecedores de sua história, orgulhosos das próprias identidades culturais, conscientes da importância de dialogar com os diversos grupos que frequentam o mesmo ambiente e reconhecer aqueles que momentaneamente possa estão mais afastados. (NEIRA, 2009b, 171).

Nesta esteira, toda e qualquer produção cultural se baseia em qualquer ação social que expressa um sentido. O objetivo, portanto, é discutir e refletir com os estudantes quem detém o poder de atribuir significados para as práticas corporais e porquê isso acontece.

## **Metodologia**

Para a realização desse trabalho, foi utilizado a metodologia de aula invertida, em que os estudantes, divididos em grupos, deveriam pesquisar sobre uma ginástica tradicional (sueca, francesa, inglesa, alemã, calistênica e geral), analisando os objetivos e os principais movimentos que caracterizam cada ginástica. Aula a aula, cada grupo expôs os movimentos pesquisados, sempre contextualizando o caráter rígido contidos em cada movimento gímnico. Em seguida, estendemos as análises sobre as ginásticas de academia

e a influências das mídias nos padrões estético e de beleza. Como material de aprofundamento e ampliação, os estudantes realizaram outros tipos de vivência, como a leitura de textos extraídos do livro “Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)<sup>4</sup>” e “Maquinaria escolar<sup>5</sup>” e assistiram o vídeo “The Wall<sup>6</sup>”.

## **Resultados**

Todo o material foi reunido, editado e apresentado na mostra cultural<sup>7</sup> do colégio, cujo o tema foi intitulado “Da opressão a revolução”. Durante as aulas de Educação Física, os estudantes fotografaram e filmaram as apresentações. As leituras eram preparadas sempre em momentos fora da aula, como tarefa de casa. Após a leitura, assistimos o vídeo e em seguida, realizamos um debate sobre a influência da escola na formação da identidade da escola e como as mídias também contribuem nesse sentido. Na época do trabalho, o Brasil atravessava um momento em que os movimentos defensores das minorias começavam a tomar corpo principalmente nas redes sociais e suas reivindicações, militâncias e ideias ecoavam sobremaneira nos corredores do colégio, fomentando o debate e as críticas a regulamentação, a governamentalidade, ao controle dos corpos através das regras institucionalizadas. Dentre tantas críticas que as mídias sociais recebem, devemos destacar pelo menos um ponto positivo; foi a partir delas, que as pessoas potencializaram discussões, exigindo das partes conhecimento e posicionamento frente aos diversos assuntos ventilados. Também foi a partir delas que os grupos historicamente e socialmente oprimidos e marginalizados conseguiram um espaço de destaque, abrindo e estendendo o diálogo para a esfera pública e virtual. Por intermédio dessas discussões, a relação com o trabalho desenvolvido nas aulas de Educação Física aconteceu de forma muito bem contextualizada, porque a todo momento, os estudantes confrontavam os gestos<sup>8</sup> gímnicos e suas intenções, com as ações midiáticas, no que tange

---

<sup>4</sup> Rosa Fátima de Souza (UNESP, 1998).

<sup>5</sup> Julia Varela e Fernando Alvarez-Uria (Teoria & Educação, 6, 1992).

<sup>6</sup> Sony BMG, 1982.

<sup>7</sup> Projeto que envolve todas as áreas e todos os componentes curriculares. Cada qual, a partir dos conteúdos de sua área, contribui para a desconstrução de antigas representações discentes, oferecendo, ao final do trabalho, uma apresentação do material produzido coletivamente,

<sup>8</sup> O uso do termo gesto é apoiado nos pressupostos de Neira (2014), Neira e Nunes (2009a, 2009b) e a própria Matriz Curricular Marista (2016), que preconizam como um movimento carregado de significado socialmente e culturalmente construído, podendo, de acordo com as necessidades locais, assumir outros

o uso do corpo e sua regulação, e suas reais intenções. Para além do movimento e da gestualidade, os diferentes grupos sociais que coabitam o espaço escolar tiveram, nas aulas de Educação Física, momentos em que puderam se posicionar, sem qualquer receio ou constrangimento de assumir a sua cultura de chegada. Indiscutivelmente essas culturas se chocavam a todo instante, mas a partir do debate de ideias e do caos gerado pelo confronto de opiniões e informações tão adversas, o posicionamento crítico e as bases democráticas se fortaleceram, indicando, talvez, uma vertente escolar (no que tange a escola como instituição de ensino e convivência), sobre a qual devemos nos debruçar e lançar nossos olhares com mais atenção: a formação de cidadãos mais solidários, na acepção mais completa e irrestrita que esse termo pode assumir.

### **Referências bibliográficas**

CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **A história do corpo**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

NEIRA, M. G. **Práticas corporais: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas**. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009a.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F (orgs). **Praticando os estudos culturais na educação física**. São Caetano do Sul: Yendis, 2009b.

SOUZA, R. F. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890 – 1910)**. São Paulo: Fundação da Editora da UNESP, 1998.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Matrizes curriculares de educação básica do Brasil Marista: área de códigos, linguagens e suas tecnologias**. 2ª ed. Curitiba: PUCPRes, 2016.

---

significados, sem que isso implique em deslegitimação, subjugação ou um caráter subalterno em relação a outros tanto significados advindos de outras tantas culturas.